

Tenebrosas Velas da Agonia: Otacília e o Universo Simbólico da Encomendação das Almas em Sergipe

Magno Francisco de Jesus Santos (FJAV/UFF)¹

Resumo: Têm histórias que começam pelo fim. Têm vidas que ganham sentido com a morte. Têm personagens que se descobrem escondendo-se. Certamente este é o caso da trajetória de vida da beata enfocada nessa comunicação, que tem como objetivo compreender a trajetória de dona Otacília como membro do grupo de penitentes de Campo do Brito, Sergipe. Os sacrifícios foram utilizados como uma forma de atenuar sua relação com o divino e os castigos voltados para o seu corpo como estratégia de encontrar a paz espiritual. Trata-se da leitura da trajetória de vida de uma penitente, mas também do universo místico do agreste sergipano. Com velas acesas nas mãos e na cruz alçada, os penitentes se deslocam pelas estradas dos povoados, com cânticos melancólicos, clamando pelas almas do purgatório. Essa mulher teve uma vida incomum, mas ao mesmo tempo reveladora do imaginário religioso local, das nuances de crenças e da relação do homem com a realidade sacra. Por esse motivo enveredar um estudo acerca da trajetória dessa penitente consiste em uma oportunidade de propiciar a compreensão do universo imaginativo da comunidade local, permeado de tragédias, pecados, castigos e redenções. O foco central dessa análise é a trajetória de vida de Otacília como membro e líder dos penitentes de Campo do Brito, no agreste sergipano. Com isso, nesta reflexão estamos propiciando a descoberta não apenas de um indivíduo, mas de um grupo que foi guiado por seu líder. Na investigação da trajetória de vida de uma personagem pertencente à tradição oral alguns obstáculos se apresentam. O maior deles certamente é a escassez de registros escritos que comprovem as suspeitas aferidas sobre sua vida. O drama se torna maior quando a pesquisa é iniciada após a morte da pesquisada, o que logicamente impediu a realização de uma entrevista com a mesma, que poderia evidenciar inúmeros aspectos de sua cosmovisão. Com isso, buscou-se realizar o levantamento de todos os registros que pudessem revelar alguma faceta oculta da pesquisada, como livros de orações e utensílios utilizados no decorrer do ritual. Somente assim se tornou possível desnudar a trajetória dessa penitente. Também foi de grande valia os depoimentos de pessoas que acompanharam parte de sua vida penitencial ou que fizeram parte de seu cerco familiar. Foram esses fragmentos de memória que propiciaram essa reflexão. Paradoxalmente, ao se apresentar ao grande público, sob a proteção da penumbra noturna, ela se escondia camuflada em alvos lençóis, os mantos dos penitentes. Mas foi nessas ocasiões que seus lamentos foram expostos. Sua agonia ecoava pelas madrugadas em tristes soluços acompanhados pelo soar da matraca. Vejamos então, a trajetória dessa mulher singular, mas que exhibe os traços de seu lugar, de sua comunidade, de sua cultura.

Palavras-chave: penitentes, religiosidade, devoção.

Introdução

Nas proximidades da igreja matriz de Campo do Brito, emerge timidamente a pequena torre da capela do cemitério municipal, levemente tingido pelo claro das sepulturas. No silêncio do cemitério, um jazigo. Sobre a lápide fria e discreta desse jazigo estão os sinais denunciadores de uma vida que se sobressaiu. Trata-se de vestígios de imensurável carga simbólica no universo religioso, que denuncia não se tratar da sepultura de uma pessoa comum.

Sobre a lápide encontra-se uma grande cruz e livros de orações, em cujas folhas já transparecem as marcas dos dejetos e das intempéries. No entanto, mesmo sobre a mácula do tempo, esses registros constituem fontes valiosas para a compreensão da trajetória de vida da personagem ali sepultada e instiga para questionamentos sobre o percurso de tais documentos. O que teria motivado o seu depósito sobre o túmulo? De que se tratam as orações? Neste sentido, torna-se necessário empreender o estudo a respeito dos vestígios deixados sobre o túmulo dessa personagem, uma mulher pobre, camponesa e que dedicou parte considerável de sua vida ao universo religioso.

Sua face trazia as marcas do trabalho exaustivo nas lavouras do agreste sergipano, que destituiu parte de suas forças. Mas não foi o rosto dessa mulher que marcou essa história de vida. Ao contrário, nas ocasiões em que ela deixava suas lidas cotidianas e partia para o mundo público, para suas aparições cenográficas seu rosto era misteriosamente recoberto com uma túnica alva. A mortalha sufocava a camponesa e revelava uma nova face, uma personagem que trafegou os longos caminhos do agreste, nas frias noites quaresmais. Nascia assim a penitente.

Ao longo de três décadas, os moradores das redondezas de Campo do Brito e Itabaiana passaram as noites de quaresma estupefatos com os ruídos de um grupo de homens e mulheres vestidos de branco que saíam pelas estradas pedregosas rezando em prol das almas do purgatório. No crepúsculo da noite, a escuridão era cessada repentinamente com a luz das velas acesas sobre um madeiro branco, carregado pelos penitentes em passos aligeirados, erguendo a poeira, deixando suas pegadas.

O grupo andava a passos largos, sempre com pressa, sempre preocupado em manter oculto a identidade de seus componentes. Distinguir os integrantes era tarefa árdua. Mas uma personagem sobressaía: era uma mulher que carregava a matraca, que ritmava os passos dos penitentes, que puxava as orações, que decidia a hora de chegada e saída. O nome dessa penitente era Otacília.

Essa pesquisa é o resultado do projeto de pesquisa “Levantamento de Fontes para a História do Agreste Sergipano”. O projeto tem como finalidade levantar a documentação a respeito de personagens de considerável significação para a produção da memória local, pautando-se principalmente na realização de entrevistas sob os auspícios metodológicos da História Oral. Desse modo, tentamos contribuir na tentativa de salvaguardar a memória oral de personagens da história local, dos porta-vozes da tradição do agreste sergipano. Isso resulta na emergência de atores antes desconhecidos, no vislumbramento de anônimos ignorados pela história tradicional, mas que trazem em sua trajetória uma aguerrida opção pela produção/reprodução da memória. O levantamento de fontes para este artigo foi desenvolvido pelos alunos de graduação em História, Adriana Ceres Dias de Almeida Souza, Débora Alves Tavares Andrade, José Carlos Santos, Marília Santos Teixeira e Rafaella Magaly Brito Almeida.

A narrativa foi dividida em três tópicos, nos quais enfocamos os principais aspectos da trajetória de Otacília. No primeiro, “Dramas misteriosos de uma vida”, realizamos algumas considerações acerca da trajetória de Otacília anterior ao seu ingresso no movimento dos penitentes, destacando os pontos que fizeram com que ela se aproximasse do universo religioso e de sua relação conflitante com a morte. No segundo, “A prática sacrificial”, enfocamos o seu cotidiano permeado pela penitência. Trata-se de uma trajetória maculada pelo sofrimento e sacrifícios. Por fim, no terceiro tópico, “Os penitentes”, tratamos da relação de Otacília com o seu grupo de penitentes e a sua influência nessa manifestação no município de Campo do Brito.

Com essa divisão buscamos descortinar uma vida traçada pelo derramamento de sangue, pelo mistério e silêncio. A personagem em foco pouco se mostrou em público e na maioria das vezes silenciou sobre sua trajetória marcada pela experiência com o extraordinário.

1- Dramas Misteriosos de uma Vida

A vida de Otacília confunde-se com a trajetória de centenas de mulheres do agreste sergipano. Desde cedo, foi preparada para o matrimônio e trabalho na lavoura. As opções de vida na primeira metade do século XX eram escassas e quase nada restava. Quase tudo ocorria dentro dos limites das pequenas propriedades: trabalho, brincadeiras, namoros e até as festas, quase sempre com sentido religioso. Era um mundo a parte.

Com Otacília não ocorreu diferente. Ainda criança já fazia parte dos trabalhos na casa de farinha, raspando mandioca e ouvindo as conversas das mulheres da família e da circunvizinhança. A farinhada foi naquele tempo um importante meio de convívio social. Diferentes gerações e membros da família e amigos se encontravam em gesto de solidariedade na reafirmação de seus laços de companheirismo. O momento da raspagem era de grande relevância para a perpetuação dos saberes, das narrativas míticas quase sempre marcadas pelas intervenções divinas e diabólicas. No mesmo ritmo, os dramas pessoais e familiares eram compartilhados em conversas que tinham como função, socializar costumes, crenças, histórias e dores. Neste sentido, podemos tentar realizar uma leitura diferenciada do trabalho de produção de farinha no agreste sergipano. Ao mesmo tempo em que a mandioca era destituída de sua casca, as vidas dos personagens da localidade (presentes ou não na lida) eram desnudadas, apresentadas aos atores da trama que se desenrolava na casa de farinha.

É muito provável que a personagem estudada neste trabalho tenha sido marcada por essa atmosfera de mistério que rondava o imaginário local. O homem simples do agreste vivia cercado pelos seus medos, por seres míticos, espectros que rompiam o limiar entre a morte e a vida. Otacília cresceu ouvindo tais narrativas e isso marcaria a sua trajetória aliada a dramas pessoais que impactariam seus familiares e instigam investigações atuais. Muitas dessas narrativas eram envoltas pelo universo religioso. Ainda menina, Otacília participou assiduamente das atividades religiosas de sua comunidade, muito marcadas pelo esmero do catolicismo rústico, sem o controle regulador do clero. Eram acompanhamentos, ofícios, romarias e vias-sacras realizadas em capelas de santa cruz de beira de estradas, cemitérios e capelas de povoados. As orações penitenciais estiveram presentes e se fizeram ouvir pela jovem camponesa. Devemos lembrar que Otacília participou dessas manifestações religiosas públicas apenas em momentos fortuitos, como semana santa e dia de finados. No restante do ano, ela compartilhava o trabalho de enxada com as orações diante do oratório.

A vida de Otacília ganhou um novo rumo a partir de seu casamento. Seus dramas teriam início e seu silêncio acabaria se consolidando como principal marca. Casada, Otacília foi morar na zona urbana de Campo do Brito, cidade na qual passaria por dois episódios inusitados que mudariam os rumos de sua trajetória. A jovem mulher casada presa ao imaginário local não seria mais a mesma.

O primeiro episódio está relacionado com uma gravidez mal-sucedida. Depois de algumas gestações com êxito, ela estava novamente grávida e esperava ansiosa pelo novo herdeiro. Mas nem tudo ia tão bem. A confirmação do drama veio no momento do parto, no qual Otacília teve a desagradável surpresa, como afirma sua neta:

Tudo começou quando ela ficou grávida. No parto ela não teve uma criança normal, mas sim larvas. Na barriga só tinha um monte de girinos. Ela escondeu essa estória, que só parentes próximos ficaram sabendo. Depois disso, ela sofreu muito e não teve mais paz em sua vida (ANDRADE, D. 2006).

Esse foi o primeiro episódio insólito na triste trajetória de Otacília. Um dos principais componentes da feminilidade lhe foi negada, pois em sua gestação só teria conseguido gerar larvas semelhantes a girinos. Um episódio marcante e macabro, que poderia gerar assombro na comunidade. Certamente esse deve ter sido um dos motivos que fizeram com que Otacília começasse a penetrar no universo do silêncio. Mesmo os familiares teriam dificuldades de saber o que estava ocorrendo na vida de nossa personagem. Fatos macabros e mistérios perscrutavam a sua imagem.

É preciso lembrar outras circunstâncias para compreender o impacto dessa gestação mal-sucedida. No imaginário do agreste sergipano existem inúmeros relatos de mulheres que geraram seres monstruosos. Quase sempre estas narrativas são representações de enredos marcados pela prática pecaminosa, ou seja, a gestação resultaria como um tipo de punição pelo desvio nos pressupostos da cristandade católica. Entre os pecados punidos de modo tão severo estão os atos sexuais indevidos e a pronúncia de palavras maléficas. Em ambos os casos, o feto seria transformado em um ser com características monstruosas.

Essa repercussão de idéias vigentes na comunidade deve ter perturbado as noites da senhora Otacília. As larvas que teriam passado nove meses em seu ventre seriam fruto de um pecado? A inocência da criança teria sido maculada por sua maldade? O resultado desse fato foi uma aproximação da camponesa do universo religioso. Ela buscou fortalecer seus laços com a realidade sacralizada. Aos poucos, ela se tornava um *Homo religiosus*, uma mulher que buscava viver intensamente a atmosfera do extraordinário (ELIADE, 2001).

Todavia, o que fez com que nossa personagem incorporasse por completo o pacto com o divino foi o segundo fato inusitado de sua trajetória. Após a morte de sua sogra, as noites passaram a ser perturbadoras, insolentes, tenebrosas. A paz de Otacília desaparecia por completo. Todas as noites ela sonhava com a finada, clamando por auxílio, solicitando a sua intervenção pela salvação da mesma. Nem mesmo os mortos davam sossego a exasperada senhora.

Mais uma vez a dor e aflição de Otacília devem ter sido compartilhadas com outras mulheres de sua família, pois estas eram as mais preparadas para os assuntos religiosos. A solução encontrada foi a idéia de acender uma vela em memória da sogra falecida, para que esta descansasse em paz. Foi em decorrência dessa vela que quase ocorreu uma tragédia com Otacília, como enfatiza mais uma vez sua neta:

Com o tempo ela começou a ser perturbada pela sogra, que já era falecida. Toda noite ela via a alma da finada. Para parar de ver e conseguir dormir tranqüila ela acendeu uma vela para a alma da finada. Foi aí que tudo aconteceu. A vela caiu e

pegou fogo no quarto e Tarcila quase morreu queimada. A partir desse dia ela virou penitente. Acho que promessa (ANDRADE, D. 2006).

Neste depoimento encontramos indícios que explicam a entrada repentina de Otacília na manifestação religiosa dos penitentes. Se no primeiro episódio extraordinário que ocorreu em sua trajetória havia forte sinal da presença simbólica do pecado, neste último ocorre uma aproximação da realidade fúnebre, do além-vida. Ela estava sendo clamada a auxiliar às almas sofridas do além, ou como consta na imaginação local, às almas do purgatório. Era o sinal. Otacília, apesar de viver naquela localidade como qualquer outra mulher, não era uma simples pessoa, uma personagem comum. Ela tinha uma missão a ser seguida, que era rezar pelos sofridos e marginalizados já mortos, pelos que não atingiram as benesses divinas. Essa certamente era uma missão árdua, altruísta e difícil de ser realizada. Mas Otacília fez o possível para cumprir sua obrigação.

2- A Prática Sacrificial

Após suas experiências com o universo dos mortos, Otacília buscou intensificar a sua relação de proximidade com o divino. O sacrifício foi o caminho escolhido para encurtar o trajeto de procura pelo sagrado. Isso é compreensível, pois assim como a divindade cristã teria se aproximado da humanidade pelo sofrimento, o homem poderia se aproximar da divindade trilhando o mesmo caminho. A dor unia o devoto ao divino. No entanto, a instigante promesreira não iniciou sua busca pela remissão dos pecados com os penitentes. Ela primeiro buscou sacrificar o próprio corpo na tentativa de expiar suas dores.

A relação do devoto com o sacrifício é inerente ao universo religioso. Podemos ler o sacrifício como uma forma de alimentar o deus insaciável, de amenizar temporariamente os dramas vivenciados pela sociedade ou pessoalmente. No caso de Otacília ocorreu a junção dos dois fatores, o que tornou sua tarefa ainda mais árdua e desnorteadora. A mulher na condição de pecadora buscava de modo exasperado a sua remissão, sacrificando seu corpo para libertar sua alma. Neste caso, podemos entender a situação sócio-psicológica de Otacília como o eu pecador, o sujeito histórico que na prática da autopunição, com resignação e silêncio buscou libertar-se dos tormentos que a afligiam.

Por esse ângulo, a aflição era um caminho de retomada, de arrependimento, de autopunição a procura da redenção. Não é coincidência que uma de suas primeiras manifestações públicas de penitência ocorreu em uma celebração religiosa, na romaria de São José da Serra dos Montes. Segundo uma de suas filhas:

Teve um ano que, no dia da festa dos Montes, ela logo cedo arrumou a sacola e saiu de casa. Tava tudo escuro e ela saiu sem falar com ninguém. Só no final da tarde foi que ela chegou com os joelhos rasgados, cheio de sangue. Ela subiu a serra de joelho, calada, sem dizer nada a ninguém, por que sabia que agente era contra esses sacrifícios. Mas ela não ouvia ninguém. Só queria de pagar as promessas (ANDRADE, M. 2006).

Um depoimento instigante e revelador dos dramas vivenciados por Otacília em seu núcleo familiar. De um lado, ela se sentia obrigada a cumprir seus deveres com o divino e com as almas do purgatório; do outro, sofria as pressões dos filhos que queriam evitar seus exageros na prática sacrificial. Diante de tal impasse, restou-lhe apenas o silêncio. Era esta a arma usada para amenizar os impasses familiares e religiosos. A assertiva acima também confirma a hipótese de que o sacrifício da carne foi usado como mecanismo de amenizar os colapsos de sua trajetória de vida. Ao ver-se na condição de pecadora, ela tentou agradecer o sagrado doando parte do próprio corpo, dilacerando seu joelho nos pedregulhos na longa

estrada da serra dos Montes. Pelo caminho ficaram as máculas de sangue jorrado em prol do perdão.

Certamente, Otacília buscou se engajar nas principais manifestações de cunho religioso popular do município de Campo do Brito. Mas o que lhe conferiu maior visibilidade e que perdurou por mais tempo foi o grupo que criou e liderou ao longo de décadas. A longevidade dessa tradição inventada pela promesseira é algo impressionante. A penitência era uma prática antiga do agreste sergipano e que já estava em processo de extinção. Há evidências que Otacília chegou a assistir aos penitentes vagando pelas estradas dos povoados de Itabaiana e Campo do Brito nas altas madrugadas, como confirma sua irmã mais nova:

Agente era menina, mocinha quando ia aquela multidão de gente pra o cemitério assistir a via sacra da sexta-feira da Paixão. Chega as estradas ficavam cheias. Naquele tempo era tudo diferente, com mais respeito e devoção. Os penitentes, hum, ninguém chegava perto. Só as almas podiam acompanhar. Tinha muitos cantos de piedade que arpejava qualquer um. Agente ouvia de casa, se tremendo de medo (ANDRADE, J. 2006).

Na fala de dona Josefa ficou explícita o sentido devocional existente na zona rural da localidade nos princípios do século XX. Medo e devoção andavam de braços dados, eram eternos companheiros de jornada no imaginário popular. A irmã da penitente esboçou a pintura de um cenário por vezes tenebroso, mas sempre perturbador para os então jovens ouvidos de Otacília. Ela foi o elo que propiciou a continuidade dessa tradição na localidade, por meio de uma promessa feita na qual ela se comprometia a sair todos os anos, nas segundas, quartas, quintas e sextas-feiras da quaresma com um grupo de penitentes rezando em suplício das almas sofredoras do purgatório. Essa promessa também assinalou no pacto com o sagrado que ela sairia enquanto estivesse viva. Portanto, a penitência teria sua sobrevivência assegurada no decorrer da trajetória de vida de Otacília.

Entretanto, havia alguns impasses no cumprimento de tal promessa. Ela prometeu sair em grupo e não individualmente, logo sua execução dependia da benevolência alheia. Talvez seu maior sacrifício consistia nos meses anteriores à quaresma, nos quais ela deveria propiciar a negociação com o afinco de garantir a saída de seu séquito de guardiães de branco clamando favores às almas do purgatório pelas madrugadas frias do agreste. Era uma tarefa difícil e que propiciou o uso de diferentes incentivos pela líder para garantir o cumprimento de sua promessa. A começar pela vestimenta e apetrechos (matraca, sino, cruz e velas) que eram dados pela promesseira. Além disso, em alguns casos, ela chegou a pagar para que os moradores da vizinhança se tornassem beneméritos penitentes. Os dissabores em manter uma tradição que não fazia mais parte da identidade religiosa da população, custaram caro a Otacília. Mas aquela era uma situação de sobrevivência da promesseira e da tradição. Ambas sofriam a aflição da morte.

3- Os Penitentes

Ao longo de três décadas as madrugadas quaresmais do agreste itabaianense foram marcadas pelo soar da matraca e lamento triste dos penitentes. Com alvas túnicas e cruz alçada iluminada pelas velas os irmãos das almas emergiam nas paisagens inóspitas da microrregião em foco. A beleza plástica da celebração era inconfundível e fazia parte da tradição religiosa da localidade, mesmo sem ter grande visibilidade, em decorrência do horário que os mesmos saíam pelas ruas e estradas, a partir das vinte e três horas.

O grupo era pequeno e modesto. Como já vimos muitos participavam somente por que recebiam um pagamento em troca, o que evidencia que a permanência do grupo dependia

quase que exclusivamente da fundadora. Além de fundar, pagar e liderar os penitentes, Otacília foi a responsável por solicitar a uma das integrantes que transcrevesse as orações que existiam apenas na oralidade. Mesmo assim, ela não deixou sua condição de puxadora das rezas, função que a denunciava em meio ao grupo de branco.

Os penitentes saíam de suas casas para o encontro em uma determinada localidade com pouca visibilidade e deste ponto saíam em grupo. A visibilidade era notória, embora as individualidades fossem temporariamente sufocadas pelos capuzes que lhes cobriam os rostos. Devemos lembrar que o ato penitencial é algo preparado para ser visto, pois tem como intenção deixar o legado, dar o exemplo. Contraditoriamente, esse ato não visa promover individualidades, pelo contrário, tenta sufocar os egos, esconder o orgulho e revelar apenas a simplicidade dos simples atos de generosidade. A penitência seria por esse viés, um meio de atenuar os dramas sociais vivenciados exaltando os sentimentos de humildade, fraternidade e altruísmo.

Na cosmovisão do grupo, a penitência seria uma representação do evangelho popular. Uma forma de vivenciar o sofrimento de Cristo de modo mais profícuo e sistemático. Do mesmo modo que suas dores e sofrimentos são manifestados em público, o drama maior da religião do calvário também resplandece como se percebe em um dos cânticos executados pelos penitentes de dona Otacília.

Uma lavadeira e um beija-flor
Lavando os paninhos do Nosso Senhor
Quanto mais lavava, o sangue corria
Maria chorava e o Judas (judeus) sorria
(ANDRADE, O. 2002).

Uma bela representatividade da tradição religiosa local. Na cosmovisão dos penitentes, homens e animais interagem e compartilham dos sofrimentos do mundo, principalmente no que concerne a esfera religiosa. Eles eram os imbuídos de transmitir para os vivos as ameaças de uma vida regida pelo pecado, apresentando o drama das almas do purgatório. Em suas caminhadas, os penitentes rezavam por ambos os grupos. Ser penitente, neste sentido, se caracterizava por desfronhar a continuidade da tradição deixada pelo próprio Cristo no momento da crucificação, como deixa transparecer o lamento, no qual diz que “É uma hora na cruz pendente, cruzeiro novo dos penitentes” (ANDRADE, O. 2003). Assim, Otacília estava tentando dar continuidade ao percurso seguido por Cristo. A cruz que ficou pendente se tornaria o símbolo que arrastaria os irmãos das almas pelas brenhas do agreste sergipano, fosse por devoção, fosse por necessidade econômica.

Desfecho: uma tradição levada para o túmulo

Otacília faleceu em 2004. No funeral, os seus parentes próximos tentaram cumprir com as determinações deixadas pela matriarca, entre as quais consistiam em sepultá-la com a vestimenta de penitente e deixar sobre o túmulo as matracas, sinos, cruz, indumentária e livro dos penitentes. A tradição que agonizou juntamente com sua fundadora foi ao cemitério com a mesma. Depois que Otacília ficou acamada os penitentes não mais saíram pelas ruas e estradas de campo do Brito. O eco de dor e lástimas foi silenciado. A tradição dava seus últimos suspiros. Na trama de vida de Otacília, fazia parte do roteiro encerrar a apresentação com a sua morte. Assim se fez.

Mesmo a oralidade tendo sido habilmente repassada para o suporte material do papel, os mesmos se tornaram em grande parte indisponíveis para os investigadores ávidos por fontes, pois os mesmos foram levados para o cemitério municipal. Muitas dos registros não

resistiram às intempéries do tempo e foram destruídos antes da compilação. Talvez fosse vontade de nossa penitente que tanto silenciou sobre sua trajetória, calar mais esses testemunhos de sua vida. De qualquer modo, sua volúpia em se comunicar com a esfera sagrada marcou o cotidiano do agreste itabaianense, criando uma memória e fazendo a história, com o rosto coberto, camuflada, anônima a passos largos, pois havia pressa em mudar o seu destino, quiçá mudar também o destino de seus companheiros, vivos ou mortos. Assim encerrou-se a trajetória de mais uma mulher camponesa do agreste, que rompeu com o silêncio habitual e gritou sua aflição.

Depoimentos Orais

ANDRADE, Débora. Depoimento realizado no dia 06 de janeiro de 2006.

ANDRADE, Maria. Depoimento realizado no dia 08 de janeiro de 2006.

ANDRADE, Josefa. Depoimento realizado no dia 10 de fevereiro de 2006.

ANDRADE, Otacília. Orações transcritas ao longo da apresentação realizada no dia 08 de abril de 2003.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã*: um esboço introdutório. Salvador: UFBA, 1986.

ALMEIDA, Gisselma S. J. *Procissão do Madeiro*: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992-1997). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Graduação em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

AMARAL, Antônio Alves do. “Penitentes: devoção e autoflagelo”. *Revista de Aracaju*: Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano 60, nº 10, 2003. p. 185-191.

ANDRADE, Maria Cleide Leite. *Epidemia, Medo e Devoção*: aspectos devocionais no município de Campo do Brito-SE (1910-1915). São Cristóvão, 1999. Monografia (Graduação em História) DHI, CECH, UFS.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. *A Procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos*: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe. Rio de Janeiro, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade do Brasil.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7ª ed. Campinas-SP: UNICAMP, s/d.

BRASIL. *Sergipe e seus municípios*. Aracaju: IBGE, Livraria Regina, 1944.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FROTA, Lélia Coelho. *Promessa e Milagre no santuário Bom Jesus de Matosinhos-Congonhas do Campo-MG*. Brasília: Pró-Memória, 1981. p. 17-54.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. A arte popular nas manifestações de fé. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 1982. Ano 45, nº 195.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

—. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a Invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984. p. 09-23.

LIMA, Magneide Santana dos S. *Penitentes de Nossa Senhora das Dores: explosão de fé. 1990-2000*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

LE GOFF, Jacques. “Documento / Monumento”. In: __. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leite. 2ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP.

MENEZES, Ilma Maria Figueiredo. *A diversidade de grupos de penitentes no município de Feira Nova (1955-1990)*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

PASSOS, Josefa Nubia de Jesus e SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "Ceias e Acompanhamentos: expressões do ex-voto na micro-região de Itabaiana". VII Semana de Ciências. Sociais. 2004. São Cristóvão. *Anais da VII Semana de Ciências Sociais*. DCS,CECH, UFS.

ROSENDAHL, Zeny. “O sagrado e o profano”. In: SANTOS, Adelci Figueiredo; FONTES, Aracy Losano (org.). *Geografia, agricultura e meio ambiente*. São Cristóvão: NPGED-UFS, 1999. p. 225-236

SANCHIS, Pierre. Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal. *Revista de Cultura*. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, nº 04.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Caminhos da Penitência: a Solenidade do Senhor dos Passos na Cidade de São Cristóvão- Sergipe (1886-1920)*. São Cristóvão. 2006. 127 f. Monografia (Bacharelado em História). UFS.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *A Marcha Sagrada: a peregrinação ao santuário de Divina Pastora-SE*. São Cristóvão. 2008. 91 f. Monografia (Especialização em Ciências da Religião). UFS.

SILVA Cândido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Carina Soares: *Cruz do Homem: novenas e promessas*. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História) PQD II. DHI, CECH,UFS.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1987.

¹ Doutorando em História pela UFF, sob a orientação de Martha Abreu.